



O Candeeiro

Pau de Colher tem história e alternativas de convivência

Pau de Colher é nome de uma árvore que ainda é encontrada na região, mas Seu Gregório acredita que antigamente havia muito mais, por isso o nome do lugar. Serve para forragem dos animais e fazer remédio caseiro para dores na coluna.

Gregório Manoel Rodrigues tem 66 anos e conta que seu pai, Manoel Rodrigues Ribeiro, foi o primeiro morador depois que aconteceu o massacre ocorrido no ano 1938. Por muitos anos morou ali somente com a sua família. O lugar ficou marcado com a luta dos *Caceteiros* que buscavam melhores condições de vida, pois viviam na miséria e em total abandono pelo poder público local. O grupo que crescia a cada dia seguia as pregações de fé e as orientações do Beato Zé Lourenço, mas covardemente foram dizimados. Enquanto se defendiam com *cacetes* feitos de pedaços de pau,

reforço militar os atacavam com fuzis, entre outros tipos de armas de fogo. O confronto ocorreu no acampamento, onde os *Caceteiros* faziam as suas paradas, pois constantemente estavam em penitência e reza. Mesmo assim, para Seu Gregório, foi preciso 3 combates para derrotar o grupo de Quinzeiro, sucessor de Zé Lourenço. Dois ataques da polícia local de Casa Nova e, por último, a Força Militar dos estados do Piauí, Pernambuco e Bahia.

Seu Gregório tem conhecimento de que foram assassinadas em torno de 400 pessoas entre homens, mulheres e crianças. Mas outras pessoas da região contam que foi bem maior o número de mortos, pois além de Pau de Colher foi atingida toda região de Lagoa do Alegre e Ouricuri. Aqueles que conseguiram se salvar ficaram traumatizados e se refugiaram em outras regiões. Ele conta que o local foi abandonado por muitos anos, principalmente pelo poder público que até hoje não reconhece a memória do seu povo. Seu Gregório lembra que só aprendeu a ler e a escrever, porque encontrou uma Carta do ABC num gibão que pegou emprestado para buscar umas ovelhas. Foi o seu primeiro contato com as letras. Aprendeu a ler sozinho e depois foi se aperfeiçoando. Lamenta que escola, naquele tempo, só tinha direito filho de rico.



Seu Gregório mostra um dos locais das sepulturas coletivas

Seu Gregório deseja resgatar a história de Pau de Colher

A roça de seu Gregório faz fronteira com o local do acampamento e fala que já encontrou em suas terras vários vestígios, como pente com balas de fuzil, pedaços de panela de barro, moedas e medalhas da época, além de pedaços de vidro, que imagina ser de garrafas pelo formato e espessura. Vários grupos de pesquisadores e estudantes já visitaram o lugar e insinuam a necessidade de escavação para estudo, mas Seu Gregório é firme em dizer que só mexe com o consentimento da comunidade. Conta que embaixo do antigo acampamento tem ossadas e muitos objetos de valor, pois foram feitos sepultamentos coletivos. Lá é encontrado até hoje cruzeiros de madeira com pedras ao redor indicando as sepulturas.

Emocionado, seu Gregório diz que resgatar a história de Pau de Colher é o que mais gostaria em sua vida. Relata que ouviu de seu pai e de outras pessoas mais velhas que acontecia, semanalmente, uma grande feira em baixo de um pé de Juazeiro, próximo ao local do acampamento. Ali se reuniam pessoas de toda região, inclusive de Remanso, para fazer compras e trocas de mercadorias com comerciantes do município vizinho, Dom Inocêncio, Piauí. Chegavam vários animais carregados de arroz, caruá, peles de animais, entre outros produtos,

e levavam rapadura e cereais. Por isso, Seu Gregório acredita que Pau de Colher poderia ser hoje um lugar bem desenvolvido, talvez até uma cidade.

Para resgatar a memória do lugar e repudiar a violência, desde 2003, a Paróquia de Casa Nova junto à comunidade realizam a *Romaria de Pau de Colher*. Acontece no dia 13 de dezembro, último dia do festejo da padroeira, Santa Luzia. Reforça que a concentração da romaria é realizada embaixo do pé Juazeiro, onde ocorriam as antigas feiras. Seu Gregório, que é animador da comunidade, diz que é em sua casa que acontecem as trezenas e organização para a romaria.

Alternativas facilitam a vida das famílias

Pau de Colher faz parte do município de Casa Nova, a 98 quilômetros da cidade. Atualmente tem em torno de 30 famílias. A luta pela água e alternativas de convivência no Semiárido vem de longe. Dona Alice Nunes Rodrigues, 64 anos, esposa de Seu Gregório, conta que depois que sua família foi beneficiada com as cisternas, de consumo humano e de produção, facilitou muito a sua vida, pois antes pegava água na cacimba, a 3 quilômetros de sua casa. Muitas vezes tinha que sair de madrugada e quando chegava na fonte já estavam outras pessoas na fila aguardando criar água. Relembra o quanto era sacrificante. Hoje ter água ao lado de sua casa é motivo de gratidão a Deus, a Diocese, a Paróquia de Casa Nova e ao SASOP. Seu Gregório e sua família repetem constantemente que a cisterna foi caída do céu, pois quando chega o período da seca passam sem apuros.

A partir do ano 2000 a maioria das famílias já recebeu a primeira água e algumas vêm sendo contempladas com a cisterna de produção, calçadão ou enxurrada. Em 2008 a família de Seu Gregório foi beneficiada com a cisterna de produção de 16 mil litros. Para Dona Alice, como a cisterna é pequena não dá pra plantar o ano todo. Só cultiva os canteiros no inverno, pois precisa economizar água para se prevenir. Fala com entusiasmo sobre a chegada da cabra de raça, através do Fundo Rotativo Solidário. O leite é o quebra jejum de toda família e visitantes. Conta que a cabra deu 3 crias e são tão queridas pela família que já têm nome: *Piedade*,



A família junto a cisterna de produção

Açucena, Doralice e Batoré. Ela admira a quantidade de leite que *Piedade* fornece, pois mesmo no período da seca e parida garante 2 litros de leite por dia, enquanto que as outras cabras da região, mesmo no inverno, não fornecem essa quantidade. Afirma que já fez a doação de uma cria fêmea a sua filha Geruza.

Seu Gregório conta que as cabras do projeto cria no quintal à base de ração. De vez em quando pastam capim na roça. O alimento favorito delas é a melancia de cavalo misturado a torta de algodão. Também dá palma e faz ração do milho. Diz que a luta agora é conseguir uma forrageira comunitária para aumentar a produção da ração e estocar, além de garantir melhor qualidade. A Bomba D'Água Popular é outro sonho primordial, pois estão comprando água para dar à criação, enquanto se têm vários poços parados por falta de manutenção. Seu Gregório reforça que a sua luta sempre foi voltada para o desenvolvimento da comunidade



Seu Gregório, a filha Geruza e Soraia se orgulham da aquisição

Realização:

Apoio: